



Equitação

Algumas palavras sobre
organização de

Pistas Hípicas
Especialmente para *E FÍSICA*
pelo CAP. FRANCO FERREIRA

A organização de pistas, tendo em vista o nobre esporte hípico, obedece certas regras e condições, consequentes de um método a ser adotado e oriundas de acurada observação por parte de quem dela se incumba, coisa aliás que não admira, se tivermos presente que esse gênero de trabalho nada mais é que uma modalidade das diferentes instruções militares, que sempre devem ser preparadas com método e cuidado de molde a fornecerem o cenário necessário e indispensável ao objetivo que quizermos obter.

O método que vamos lembrar para a organização das nossas pistas de hipismo é justamente o mesmo que adotariamos para a preparação dos nossos exercícios militares em geral e consiste em:

1.º) — propôr a questão, isto é, examinar o que queremos fazer, qual o nosso objetivo a atingir, ou ainda em outras palavras, o que queremos ensinar ou praticar;

2.º) — examinar os meios de que dispomos, em particular o terreno que se nos depara, observado nas dificuldades e vantagens que apresenta em vista do objetivo que desejamos atingir;

3.º) — fazer um detalhado inventário de tudo quanto nos falta no terreno para obtermos o "ambiente" necessário e indispensável à impressão que queremos obter;

4.º) — providenciar na adaptação, criação, na obtenção, enfim, do que nos falta para a consecução desse ambiente.

Por outro lado, convém termos muito presente ainda:

— o valor equestre do instrutor;

— o estado do treinamento da cavalhada;

— o grau já atingido nas instruções anteriores;

— as condições de execução do percurso que escolhemos.

Sabemos de sobra que o resultado de tudo quanto se relaciona com esporte, depende sempre de uma adaptação muscular que não se obtém instantaneamente, e sim, por um cuidadoso e ritmado treinamento que impõe uma seqüência lógica, cuja desobediência importa em desastres mais ou menos graves.

E, se atentarmos que há, no caso do hipismo, dois elementos vivos a fazer essa adaptação muscular, temos dito tudo quanto poderíamos dizer a respeito do valor do método.

Vejamos, agora, que espécie de pistas hípicas são estas, que tanto cuidado e tantas preocupações nos despertam.

Não vamos tratar aqui da organização de pistas de concurso, onde um cavalo excepcional, porém, especialista, muitas vezes portador de males incuráveis, como uma fluxão periódica ou uma manqueira ocultada por uma injeção de cocaína, durante um minuto ou menos, faz doze ou quinze transposições assombrosas, espectaculares, verdadeiro sucesso de circo. Também não trataremos das pistas de corrida ou de "steeple", pois que a engenharia, melhor que nós, está habilitada a construí-las impecáveis.

O que queremos é a pista de exterior, a pista do cavalo de guerra e do cavaleiro de fibra, a pista de caça, mixto de resistência, velocidade, audácia, coragem e destreza; a pista longa de 6, 8 ou mais quilômetros, onde o cavalo perfeito, num esforço continuado de 15, 20 e, muitas vezes, mais minutos, atravessa terrenos os mais variados, semeados de obstáculos, cheios de aspectos, às vezes assutadores; dá conta, enfim, da sua maneabilidade, obedecendo instantaneamente às solicitações do cavaleiro, saltando aqui, grupando, em seguida, seus músculos para distendê-los mais adiante num esforço de sensação. Queremos a pista em que tudo é inédito para o cavaleiro, em que tudo é sensação e novidade, onde ele sente

o "instinto" do seu cavalo (já que lhe não devemos atribuir consciência), onde valorisa sua montada.

Na preparação dessas pistas temos que encarar:

1.º — a distância do percurso;

2.º — a intensidade que lhe queremos emprestar;

3.º — o modo por que será feito pelos concurrentes;

4.º — e, como em tudo quanto se relaciona com esportes,

— a continuidade;

— a alternância no gênero de obstáculos;

— a gradação a dar no exercício;

— a atração a despertar;

— as medidas de disciplina.

Examinemos cada um desses elementos em separado.

A extensão do percurso é sem dúvida um dos elementos de maior importância, principalmente, quando se trata de percursos individuais em que a classificação dos concurrentes depende do tempo gasto em percorrê-lo.

Deve ser muito cuidadosamente medida, percorrida pelo encarregado da sua escolha de modo que os resultados nêle obtidos sejam a justa expressão da verdade em relação ao esforço dispendido pelo animal ou ao seu estado de treinamento. É fácil imaginar o desapontamento de um cavaleiro, que cioso do valor do seu cavalo, sabendo-o em ótimo estado de treinamento, não lograsse uma classificação compensadora numa competição em que o percurso não estivesse convenientemente medido, dando margem a um resultado completamente desconcertante e em nada condizente com o esforço, às vezes, grande, que o cavaleiro em questão e seu cavalo fizeram.

Nos percursos coletivos, essa questão da extensão do percurso influe, apenas, sob o ponto de vista da gradação da série de exercícios encarados.

A intensidade do percurso é dada:

— pelo número de obstáculos nêle contidos;

— pela natureza do terreno atravessado entre um obstáculo e outro;

— pelo tempo em que deverá ser feito o percurso, função da velocidade que queremos emprestar à competição;

— eventualmente, modifica extraordinariamente a intensidade de um percurso, o mau tempo.

Esses quatro elementos, cuidadosamente combinados, dosam a intensidade dos nossos percursos, dentro de uma série dêles.

O modo por que será feito o percurso, constitue fator importante na escolha de uma pista. Enquanto um percurso individual, isto é, feito por um concorrente de cada vez, comporta passagens obrigatórias para um cavaleiro, obstáculos de pequena frente, corredores mais ou menos apertados, os percursos coletivos, especialmente as "caçadas", não seriam bem escolhidos, nem bem preparados, si não apresentassem obstáculos que permitissem, pelo menos, a abordagem em 4, 5 ou 6 pontos, mesmo que nesses pontos de utilização, houvessem diferenças de dificuldades, resultantes do próprio aspecto ou condições naturais do obstáculo; isto iria constituir motivo de justas alegrias e orgulhos, quando não de desapontamentos, ou, digamos claramente, de momentâneos receios.

Dez, doze até quinze metros, são frentes mínimas para obstáculos de percursos coletivos, quando tivermos a pretensão de havê-los preparado para serem transpostos por todos os concorrentes.

Finalmente, comparando os nossos exercícios de exterior a verdadeiras lições de educação física, cujas sessões de estudo seriam representadas pelos exercícios preparatórios de flexionamento feitos no picadeiro, temos, portanto, ao organizar as nossas pistas, que observar certas medidas tendentes a assegurar aquelas características, a continuidade, a alternância, a gradação, a atração e a disciplina do exercício considerado.

A continuidade do exercício é obtida pela escolha de passagens ou construção de obstáculos que resistam à passagem de todos os concorrentes, a-pesar-dos estragos que os mesmos possam causar. Taludes de barro ou de terra bem socada, valas de bordas suficientemente fortes e resistentes, rampas para descer em terreno arenoso, para subir em terreno barrento, são, em linhas gerais, os que se devem escolher, de preferência, entre os obstáculos naturais. Por outro lado, e como em exercícios de exterior ou em percursos de caça não podemos contar apenas com obstáculos naturais, é preciso também que, na construção dêesses outros, levemos em conta essa desejada resistência aos embates. Barra grossas de bambú gigante, de embaúba ou até mesmo de eucaliptos, sólidamente amarradas em esteios mais ou menos profundamente enterrados no solo, são muito mais recomendáveis que finas hastes, leves e flexíveis, mal seguras em suportes frágeis, dando, todo conjunto, impressão de fragilidade.

O cavalo é um animal de grande rapidez de decisão, e assim é que, percebendo na sua frente um obstáculo na verdadeira acepção da palavra, ele decide transpô-lo com cuidado e se empregar com eficiência, mas se ele vê na sua frente um tramado aparentemente fraco, uma valeta mal definida ou um simples montículo de terra, o cavalo de exterior, o cavalo de guerra, o verdadeiro cavalo, pensará na sua irracionalidade inteligente: não vou desperdiçar as minhas forças naquela "porcaria"; e decide: vou passar aquilo... e, às vezes, "aquilo" não cede. Eis o acidente.

Claro está que não foram banidos do nosso programa os obstáculos de aparência frágil, de pouca "impressão", mas êstes devem ser reservados para o fim de um período de caça, ou de exterior, quando nossos cavalos estão rotinados em saltar tudo quanto lhes surge à frente. Então, será uma grande sensação saltar até uma cerca de arame que tivéssemos tido o cuidado de marcar o fio superior com uma tábua ou um bambú, suficientemente visíveis a uma certa distância.

Depende ainda da habilidade de quem organiza o percurso a transformação de obstáculos naturais ou artificiais pouco "saltáveis" em outros tantos de sólida aparência e melhor impressionabilidade. Assim, por exemplo, um fôso de bordas frouxas pode ser transformado em "oxer" mais largo do que alto, apenas com o trabalho de fixarmos uma vara em cada borda; uma vala sêca que não tivemos tempo de aprofundar convenientemente, fica melhor se a transformarmos num "AA", com uma vara atravessada no meio, a uns 80 cms. ou um metro de altura; um rio (vala cheia d'água), que desejamos seja transposto, ficará mais saltável se tiver na borda de partida uma sêbe inclinada, mesmo bem baixinha; um talude ainda não completamente consolidado, terá sua existência prolongada se tiver uma barra grossa fixada na parte superior; uma banquetta que se esborôa terá mais longa duração se tiver, antes dela, uma sêbe, ou, depois dela, uma barra; uma rampa a subir ou a descer torna-se mais forte se fizermos uma valeta de uns 80 cms. a 1 metro de largo, na base; e uma simples barra a saltar torna-se muito mais "apetitosa", se tiver na base um rôlo de ramagens, ou se fôr colocada sôbre uma linha de "ficus", de capim elefante ou de touceiras de capim cidró.

A alternância é conseguida pela criteriosa escolha de terrenos que ofereçam oportunidades de saltos, ora em largura, ora em altura, ora em profundidade e, suas combinações inteligentes e cuidadosamente escolhidas afim de obtermos as duas características que se seguem.

A gradação do exercício considerado consiste na escolha e disposição dos obstáculos, de forma tal, a exigir um crescente de esforços do cavaleiro e do cavalo, até um ponto máximo — o obstáculo do dia, — para depois ir diminuindo em intensidade, até o final, que nos percursos individuais, principalmente, deve ser precedido de uma verdadeira "volta à calma". Nos percursos coletivos, a reunião consequente, os rápidos comentários das sensações, a volta em conjunto aos locais das estrebarias, constituem a "volta à calma" desejada.

Aliás, os percursos coletivos de um determinado período, não terão nunca o mesmo grau de intensidade em dificuldade que poderão apresentar os percursos individuais do mesmo período.

A atração do exercício é obtida pelo imprevisto no aparecimento dos obstáculos, no segredo da sua preparação, no conjunto da naturalidade, saltabilidade e respeitabilidade que apresentam os obstáculos.

Um fôso escolhido e colocado logo depois da travessia de um terreno coberto, por exemplo, tem outro "sabor" que si fosse escolhido no meio de campo raso onde cavalo e cavaleiro teriam tempo de sobra para vê-lo e de longe se agcitarem... mesmo que fosse para cair; uma barreira fixa, subtilmente colocada numa curva obrigatória, é cem vezes mais sensacional do que saltada num simples corredor de saltos; um "bull-finch", um "oxer de campo", uma combinação de valas, "brooks" e "openditches" são obstáculos que, pela sua aparência rústica, pela sua naturalidade, impressionam muito mais que as simples varas e suas combinações desmontáveis dos concursos hípicas. Em todo caso, essas pequenas "ursadas" na apresentação e combinação dos obstáculos, sempre orientadas numa sã técnica e na constante preocupação de fazer percursos respeitáveis, porém, saltáveis, não de constituir os comentários obrigatórios das conversas de casino, nos intervalos de tempo entre os diferentes percursos, e quanto salto espetacular, quanta "fanfarronada" não havemos de ouvir... e de contar, nesses momentos.

A disciplina no percurso ainda será, em parte, fruto da disposição dos obstáculos e da escolha do percurso. Um balizamento bem feito evitará as idas e vindas de "erradas" tão desagradáveis para um concorrente; para-flancos, canalizam melhor o cavaleiro sôbre os obstáculos e, nos percursos coletivos, a frente utilizável dos obstáculos será, talvez, o principal fator de disciplina que nunca será apreciável, se êstes se apresentarem esmierrados, apertados, obrigando os concorrentes a se desenvolverem em profundidades, convidando os retardatários a atalharem e se "esquecerem" de alguns saltos.

Será grandemente recomendável que o organizador de um percurso de exterior, depois de tê-lo escolhido, percorra-o em toda sua extensão seja para examinar um efeito de um obstáculo, seja, principalmente, para verificar o estado de "piso" destocando, assinalando ou tapando algum buraco de tatú, enfim, tomando as precauções para evitar todo e qualquer acidente fora da linha dos obstáculos que geralmente são mais perigosos e de mais graves consequências que os provenientes dos saltos propriamente.

Depois de termos uma pista cuidadosamente organizada dentro do nosso método, fruto exclusivo de observação e de adaptação, acerquemo-nos dos nossos cavalos, cujas qualidades serão, especialmente, calma, docilidade e generosidade, qualidades morais para obtermos um cavalo confortável, de andaduras definidas, bem equilibrado, perfeitamente maneável e sobretudo dextro nos seus movimentos e, depois de havermos transposto uns vinte a trinta obstáculos, depois de havermos galopado uns quinze a vinte minutos, senão mais, diremos com orgulho: que cavalo agradável...